

CICCACIO, Ana Maria. Sinfônica de Campinas, produto de uma crença.
O Estado de São Paulo, São Paulo, 26 jun. 1983.

Sinfônica de Campinas, produto de uma crença

ANA MARIA CICCACIO

Benito Juarez não é um demagogo. Ousou, assumindo a direção artística e regência de uma orquestra de músicos ainda em formação; conferiu-lhe nível profissional; conquistou para os instrumentistas o direito a salários condignos; ligou "biologicamente" a sinfônica a Campinas. Como conseguiu tudo isso? Rompendo barreiras num tempo em que não havia nenhum respaldo ideológico ou estético para fazer uma ponte entre erudito e popular. Foi criticado por muitos, que, pouco depois, reconheceram o caminho. E por ele também seguiram.

Em tempo de crise econômica, uma orquestra sinfônica é um luxo?

Obviamente não. Arte não é supérfluo. Mas esse preconceito atinge as atividades artísticas em geral, tanto que a coisa não se circunscreve apenas à música, mas à poesia, à literatura, às artes plásticas.

Mas essas não são atividades, digamos assim, menos dispendiosas do que uma orquestra sinfônica?

Evidentemente que uma sinfônica, pelo fato de ser uma atividade de certa densidade coletiva, talvez seja mais dispendiosa. Mas eu falo a nível da substância em si. Por exemplo, o produto do trabalho de um poeta, de um escritor, de um bailarino, de um músico, numa sociedade em que esse aspecto comercial é tão relevante, não tem o mesmo tipo de rentabilidade de uma empresa que produz automóveis. Deve existir um retorno, mas não na mesma proporção. Em tempo de crise econômica, então, é extremamente necessário que essas atividades artísticas levem a uma certa reflexão, inclusive do porquê da existência da crise. Isso pode ser através de uma atividade reflexiva intelectual ou através da sensibilidade mesmo. A música, a arte, não é fuga, é um caminho para a vida. Você pode, através disso, ter condições até de poder penetrar e aprofundar melhor as razões dessa recessão.

Quais os organismos, além da Prefeitura de Campinas, que compõem seu orçamento?

Só a Prefeitura. Na verdade, é a cidade de Campinas que, de uma forma heróica, mantém sua orquestra. E hoje ela está de tal modo incorporada ao município que entra na escala de suas prioridades. Nossos concertos em Campinas têm uma participação incrível. Eu acho que a orquestra não é apenas uma organização, mas uma conquista já incorporada biologicamente à cidade, está dentro de seu corpo social. Quando a Alemanha estava sendo reconstruída, logo após a guerra, os governantes que estavam cuidando disso começaram a estabelecer a escala de prioridades. O país estava destruído, as cidades, indústrias, enfim, a sociedade e a cultura, a educação, havia desemprego. Não estamos saindo de guerra nenhuma, mas estamos mais ou menos por aí. Então, eles iniciaram a reconstrução de escolas, hospitais, fábricas, e chegaram na Filarmônica de Berlim, o que fazer? Decidiram que a reconstrução do país começaria exatamente pela filarmônica, que ela era também prioritária, a bandeira da reconstrução. Então, num momento de recessão, nós deveríamos fortalecer nossas orquestras e nossas atividades artísticas em geral. Talvez esse seja um ponto de apoio importante. Não é uma brincadeira. Você vê um concerto desses, são

dez mil pessoas na praça, com momentos de uma integração fortíssima. A gente pode até discutir aspectos de natureza e objetivo estéticos. Mas eu sinto que nessa realidade, toda plurifacetada, toda fragmentada, a música tem a capacidade catalisadora de unir as pessoas.

Em que medida, hoje, a participação das empresas privadas é importante para minimizar os efeitos a recessão sobre o orçamento de uma orquestra?

Nós temos tido, de uma certa forma, esse apoio. Ele significa até um certo pioneirismo na Orquestra de Campinas. Este é o terceiro ano que a Souza Cruz patrocina nossos concertos pelo Interior. Mas há outras empresas também presentes, como o Bradesco. Só que isso deveria acontecer ainda em maior escala, como nos EUA e na Europa. Mesmo nos países socialistas, as fábricas, os sindicatos, toda a comunidade participa da manutenção de seus organismos artísticos. Eu percebo que, no caso dos Concertos Souza Cruz, o resultado tem sido diretamente proporcional ao interesse da empresa pelo programa. Daí esse retorno nas praças, essa emoção.

Anualmente, a cada troca de governo, em Campinas, regente e músicos sofrem pressões, inclusive a pior delas, que é a ameaça de extinção da orquestra. Como se convive com isso?

Aí há um pequeno equívoco. Esse fato existiu há alguns anos, por desinformação, ignorância. Mas eu acho que, hoje, relembra-lo, é até uma injustiça para com a cidade de Campinas, que prestigia tanto sua orquestra e que tem nos atuais administradores o maior respeito e apoio. A Orquestra de Campinas, hoje, é a mais sólida que existe no Brasil. E eu falo isso por conhecer a realidade de todas as outras.

E esse Fundo de Cultura, para o qual as verbas advindas de contratos com empresas privadas são canalizadas?

Como a Prefeitura, através da Secretaria de Cultura, mantém sózinha a orquestra, que consome uma parcela considerável do orçamento da Pasta, e não há qualquer apoio da secretaria do Estado ou da Funarte, nada mais justo que todo esse dinheiro que a sinfônica capitaliza contribua com o processo cultural da própria cidade. Não vejo qualquer contradição nisso, principalmente nessa situação ainda meio transitória. Nós ainda não temos seis meses de novo governo. A Secretaria de Estado ainda não mandou verbas e nem sei se vai mandar.

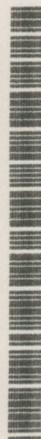
E a Funarte, orientada pelo governo federal?

É zero. Há dois anos não se recebe nada. É injusto, porque não nos circunscrevemos a Campinas. É uma atividade de cunho social, de expansão daquilo que a gente está fazendo na cidade. Nós procuramos apoio junto à empresa privada, mas teria de haver a contrapartida: a atenção dos órgãos federais.

Bernstein afirmou que o tempo agora é dos compositores, não mais dos regentes. O que pensa disso?

Bernstein vive numa constelação muito longe daqui. Não acho que tem sentido essa coisa de estrela. A função de um regente é a da coordenação e o resultado de seu trabalho é alguma coisa parecida ao do instrumentista. As estrelas são feitas por outros mecanismos, a mídia. Para mim, a estrela sempre foi a música. A sinfônica somos nós, são os músicos. Eu também me consi-

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE030031

dero parte importante de tudo isso, sem falsa modéstia, mas com consciência.

Defendo que é a substância da música que consegue o feito, não é o Benito, não é ninguém. Desculpe, não é Bernstein também.

Este ano, a Sinfônica Municipal de São Paulo dá uma oportunidade a seus músicos como solistas — uma medida de economia, sem dúvida. Existe, em Campinas, projeto semelhante?

Eu não viso isso, sinceramente, por medida de economia. A Orquestra de Campinas vive e viveu um processo de natureza didática. Começou como uma experiência, um núcleo, e atingiu nível profissional, em termos brasileiros, do primeiro time. Ela se auto-regulou, se autodirecionou. Então, é muito coerente que seus músicos sejam solistas e precisam ser estimulados.

A Sinfônica Estadual faz concursos para jovens solistas. Flávio Florence, da Orquestra de Campinas, regeu-a recentemente. E Campinas?

Tem sido fundamental nesse processo a disponibilidade da orquestra,

Uma coisa muito rica e difícil. O balé também é uma linguagem, com o seu tempo, nuances, fraseados. De repente, se está diante de um outro código, mas que tem uma nomenclatura, uma atmosfera, enfim, uma outra dimensão. Fazendo "O Lago dos Cisnes", eu percebi, por exemplo, quanto é coreográfica a obra de Tchaikovsky. E tenho certeza que, a partir dessa experiência, pelo menos a nível de concepção, de entendimento, de fraseado, de tudo, de realização musical, mudou substancialmente a ótica que eu tinha de Tchaikovsky.

Até que ponto trabalhos como esse não interferem com o repertório sinfônico?

A flexibilidade numa orquestra é algo extremamente importante. A sinfonia, a música de concerto em geral, pressupõe uma relação um tanto abstrata. Com o balé, com a ópera, chegamos a um nível de percepção que transcende essa relação puramente abstrata. O gesto, a cena, a iluminação, tudo isso dá uma outra energia à música. Então,

ela é uma orquestra de cordas. Eu tenho consciência de que isso tudo é muito complicado. Agora, possibilidade sempre há. Enfim, eu não vejo isso nem como zona de atrito. É, eu acho que a gente tinha mesmo é que se congrega, ter uma direção comum para fazer as coisas.

E a questão estética?

A gente não precisa estar rotulando o problema de colonialismo, de herança cultural. O músico com formação acadêmica corre sempre o risco de perder essa comunicabilidade que tem a música popular, que pode enriquecê-lo se ele não se fechar. Tento estabelecer esse encontro. Pixinguinha fez um arranjo de "Carinhos" para orquestra sinfônica, em 1938. Se ele tivesse uma orquestra sinfônica, como teve Richard Strauss ou Ottorino Respighi, ele teria escrito muito mais. Depois, as nossas emissoras de rádio, no passado, tiveram ótimas orquestras, minissinfônicas. Eu só tento resgatar essa experiência. Os norte-americanos sempre fizeram isso.

Essa ponte entre popular e erudito terá resultados? Quais?

Sim, terá. Já tem. O que eu falava dos Estados Unidos, para aumentar a afluência de público às salas de concerto, já acontece em Campinas. Eu vejo na relação da sinfônica de Campinas com a comunidade a mesma do Luvre com os franceses, sem nenhuma megalomania. Nós estamos na Bahia, em São Paulo, no Rio, mas acima de tudo em Campinas. Essa experiência com o popular não interfere no estilo e na qualidade do Brahms, do Moller, do Stravinsky que temos tocado. Nossos músicos hoje são mais bem informados, mais ricos, flexíveis, porque o ecletismo só aprimora o desenvolvimento. Alguém pode dizer, "puxa, mas como os arranjos que eu emprego são pobres". Mas eles não são pobres, são simples. A intenção é dessacralizar uma coisa que o povo põe lá em cima, mas que é dele e não pode ficar lá em cima. No momento em que as pessoas dançam, assobiam, também abraçam a orquestra.

A Sinfônica Estadual começa em São Paulo um projeto de música ao ar livre. Isso é produtivo para a Capital?

Sim, não há dúvida. Primeiro, porque é uma excelente orquestra, com ótimos profissionais e um regente altamente capacitado. As pessoas têm o direito de ouvir essa música. Essa é a nossa função. Não dá mais para manter uma orquestra para uma média de 1.200 pessoas num teatro. E as pessoas estão atentas a isso, porque são elas que mantêm as orquestras. Eu acho que não é só obrigação, é dever de tanta gente estabelecer esse compromisso e a orquestra é quem ganha, porque ela está conquistando mercado, ela está distribuindo o seu trabalho. Algum tipo de perda, num espaço aberto, sempre vai haver. A sonoridade, por exemplo. Por outro lado, o retorno é incrível. Nós temos de aprender a trabalhar com a televisão, com o rádio, com a mídia. Se não, sucumbimos. Temos de aprender com os shows de MPB. É conflitante, ainda, provoca medo, mas temos de enfrentar essa aventura. Se não fizermos essa ponte, se não conquistarmos público, se não levarmos para o povo o que é dele, daqui uns 50 anos ninguém vai ouvir mais Beethoven, Brahms, Villa-Lobos, nem coisa nenhuma.

E a música de vanguarda?

Não há por que parar de fazer. Tudo deve ser concomitante. Um dia haverá resposta para ela também. Chegaremos lá, quem sabe até numa praça pública.



Foto Waldemar Padovani

Ontem, a Sinfônica de Campinas tocou em Santo André

que parece ser a única do País a funcionar como laboratório para a classe de regentes do Departamento de Música da Unicamp, fazendo também as peças dos alunos de composição, como Rui Brasileiro Borges e Juraci Cardoso. No ano passado, no Festival de Campos do Jordão, pioneiramente, duas jovens regeram a orquestra, Helena Starzynski e Adriana Giarola. Há os regentes do Coral USP, Eduardo Cruz Navega e Mara Campos. Todo esse pessoal está sendo preparado para assumir futuramente. O Flávio, muitos outros.

Há perspectivas de novos LPs?

Rogério Duprat fez a orquestração de três prelúdios para piano de Debussy (13, 14 e 18), que apresentaremos em primeira audição dia 17 de julho, no Festival de Campos do Jordão. É um projeto gravar esse trabalho. Como Stravinsky fez a orquestração de obras para piano de Brahms, um brasileiro está fazendo o mesmo com Debussy. Nada mais justo que fixar isso.

Quais as lições e experiências extraídas do trabalho com balé?

isso enriquece. Quando se volta ao sinfônico, penetra-se mais na obra.

O que explica a ausência do Coral USP?

Ele não está ausente. Hoje reúne 500 cantores, oito regentes trabalhando comigo. São hoje vários coros, todos com seu trabalho muito individualizado. O Coral USP é uma escola "Cantorum". É claro que a gente está meio recolhida, para fazer um trabalho de base, sem muito alardé. No ano passado fomos convidados para um festival em Nova York, mas não pudemos ir por falta de patrocínio. Então, é uma coisa que não está parada. Temos atuado no campus. De repente, orientei minha atividade para a Unicamp, para a Sinfônica de Campinas, mas na USP nós temos agora uma verdadeira usina de som. Uma fornada de regentes de altíssimo nível.

Não há maneira de trabalhar com a Sinfônica da USP?

Isso aí eu acredito que não. Precisaria que a Orquestra Sinfônica da USP se transformasse numa orquestra sinfô-